

se hão de accommodar e construir na oração todos estes complementos, quando passam além dos tres acima dictos?

As duas regras mais geraes, que se podem dar para bem ordenar os complementos, pertencentes ao mesmo verbo, quando são muitos, são:

1.<sup>a</sup> Nunca pôr depois do verbo mais de dous até tres complementos, entre os quaes devem ter o primeiro lugar o objectivo, e terminativo; e se ha mais, po-los d'antes, como: *Hoje pelo meu criado mandei hum livro a Pedro para estudar.*

2.<sup>a</sup> Ordenar estes mesmos complementos appostos e pertencentes á mesma palavra de modo, que o mais curto va sempre immediato á palavra, a que serve de complemento, e hir seguindo nos mais a mesma regra de maneira, que o mais comprido fique para o fim. Desta sorte os que ficarem em ultimo lugar, achar-se-hão o menos longe, que he possivel, da palavra, que modificação, e sua relação por consequencia menos se perderá de vista. Assim diremos: *Disfarçar o vicio com a mascara da virtude*, e *Disfarçar com a mascara da virtude os vicios mais vergonhosos, e infames.*

Esta mesma regra se deve guardar com as orações incidentes. Assim em vez de dizer: *O Evangelho inspira huma piedade, que nada tem de suspeitosa ás pessoas, que de veras se querem dar a Deos:* fica melhor, mudada a construcção, pôr primeiro a incidente menos comprida deste modo: *O Evangelho inspira ás pessoas, que de veras se querem dar a Deos, huma piedade, que nada tem de suspeitosa.*

## §. IV.

*Da Construcção Direita do Periodo.*

Quanto á construcção das proposições subordinadas por ordem á principal, na composição e coordenação de qualquer periodo, a principal sempre he a primeira na ordem direita. Ella se dá a conhecer logo pela linguagem indicativa, quando sua affirmacção se não suspende com alguma conjuncção, propria a produzir este effeito.

Mas esta ordem direita inverte-se muitas vezes, assim para variar a marcha do discurso, como para melhor ligar huns pensamentos com outros, e sobretudo para excitar mais a attenção por meio da suspensão do sentido, e dar com isto mais fogo e alma á oração. Taes são os fins das construcções invertidas, de que passamos a falar no Capitulo seguinte.

## CAPITULO V.

*Da Construcção Invertida da Oração Portuguesa.*

A CONSTRUCÇÃO invertida he a contraria á direita. Esta pede o sujeito antes do verbo, aquella depois; esta põe o adjectivo depois do substantivo, e o adverbio depois do adjectivo, aquella dantes; esta põe os complementos depois de seus antecedentes, aquella dantes; esta em fim contrahe as palavras na ordem de sua subordinação e regencia, as subordinantes primeiro que as subordinadas, e as regentes primeiro que as regidas de sorte, que a marcha do pensamento vai seguindo a da oração sem suspensão, nem embaraço algum; aquella constroe as palavras pela ordem

retrograda, de sorte que o espirito está sempre suspenso á espera das palavras seguintes, de que depende o sentido das antecedentes. Os Gregos e Latinos chamavam *Anastrophes* a estas inversões, e não *Hyperbatos*, como ora lhe chamão nossos Grammaticos.

O *Hyperbato* quer dizer *Transposição*, a qual se faz, ainda sem haver inversão, quando entre as palavras ou concordadas, ou regidas, postas mesmo em sua ordem direita, se mette alguma couza por meio, de sorte que as duas ideas correlativas não ficão junctas na oração, mas separadas huma da outra por algum espaço pequeno, ou grande.

Nesta expressão, por ex.: *O espaço dilatado do Ceo á terra*, a construcção das palavras está direita. Se digo: *Do Ceo á terra o espaço dilatado*, já a mesma fica invertida, sem contudo se separarem as ideas humas de outras. Porém dizendo: *O espaço do Ceo á terra dilatado*, a construcção fica então transposta. Porque as duas ideas correlativas do *Espaço*, e da sua *Extensão*, junctas nas duas primeiras construcções, ficão transpostas e separadas huma da outra pelas palavras *Do Ceo á terra*, que cahem no meio.

As construcções *Direita e Invertida* são ambas naturaes, porque ambas, quanto lhes he possivel, se conformão á ordem, com que nosso espirito concebe as couzas. Elle concebe os objectos junctos com suas relações ao mesmo tempo, e liga assim tudo sem todavia fazer succeder huma idea á outra. O discurso não póde fazer o mesmo. Como suas palavras se succedem necessariamente humas ás outras, as ideas, que as mesmas representão, hãode hir tambem necessariamente humas após outras. Mas em que o discurso póde imitar o pensamento, he em ligar humas com outras, as ideas correlativas, pondo junctas immediatamente as palavras, que as significão. Ora esta união he a que se vê tanto na construcção direita, como na invertida.

Ou

Ou o substantivo va atraz, ou adiante do adjectivo, a ordem he diferente, porêm a ligação he a mesma.

Não succede ja o mesmo no *Hyperbato*, ou ordem transposta. Cicero lhe dá com rasão o nome de *Interrupta*. Porque assim como a *Tmese* rompe a unidade da palavra composta, separando seus elementos com lhe metter outra de permeio; e a *Parenthese* rompe a do sentido da oração, mettendo-lhe outra no meio: assim o *Hyperbato* rompe e separa a unidade da idea da da sua modificação, que na natureza e no nosso modo de pensar andão junctas.

A ordem pois interrupta, ou *Transpositiva* he a unica contraria á natural, que consiste na ligação immediata das ideas relativas, a qual o discurso guarda, quando ajunta suas palavras quer na ordem direita, quer na invertida. Como porêm nem todas as transposições são viciosas, tractaremos no artigo seguinte das que podem ser permittidas aos prosadores, e aos poetas, e das que não; e neste das inversões concedidas á nossa linguagem, e auctorizadas pelo uso da mesma.

## ARTIGO I.

### *Das Inversões, ou Anastrophes.*

Todas as linguas tem inversões, mais ou menos. As *Transpositivas*, que são aquellas que tem casos, admittem mais em rasão dos nomes levarem consigo os caracteres de suas relações, e serem assim mais fa- ceis de se reconhecerem em qualquer parte da oração, em que estejam. As *Analogas*, que são as que carecem de casos, admittem menos; mas nem por isso as deixão de ter, e quasi tantas, como as transpositivas, á excepção das que dependem da declinação. A nossa pelo menos he huma das mais abundantes neste gene-

ro de construcções pela facilidade, que para isto lhe dão os artigos, e os casos obliquos de seus pronomes pessoaes.

As inversões humas vezes são *necessarias*, e outras *uteis*. São necessarias para *approximar* mais as ideas relativas; para evitar as *Amphibologias*; para dar força aos *Contrastes*; para ajuntar em *hum pensamento total* muitas parciaes; e para certas *fôrmas de expressão*, que não admittem construcção direita.

1.º *Para approximar mais as ideas relativas.* Daqui vem que todas as orações parciaes, que principião pelos demonstrativos ou puros, ou conjunctivos, quando fazem o complemento objectivo de algum verbo, ou são regidos de preposição; todas de necessidade tem sua construcção invertida, como se póde ver nestas orações de Jacyntho Freire:

» Chamou o Capitam-mor os nossos a segundo  
» trabalho, o qual lhes fez mais facil ou a neces-  
» sidade, ou a victoria. = O que se lhes devia por  
» seus merecimentos; perdião por falta dos albéos. =  
» Cujó nome os Africanos ouvião com temor, e nós  
» com reverencia. » Como estes demonstrativos são todos relativos, se se construíssem pela ordem direita de sua regencia, ficarião mui apartados dos objectos, a que se referem, e perturbarião as relações das cousas, querendo seguir escrupulosamente as grammaticaes.

2.º *Para evitar as Amphibologias*, quando a ordem direita as traz consigo, como neste exemplo: *Este he o mais digno de compaixão; de todos os homens*, dizendo ás avessas: *De todos os homens, este he o mais digno de compaixão*; evita-se a ambiguidade, que podia causar a primeira frase, querendo pôr o substantivo depois do partitivo.

3.º *Para dar força aos Contrastes* faz-se outrosi necessaria a inversão todas as vezes, que se ajuntão duas

duas ideas, ou dous pensamentos, e para melhor se compararem se põe hum juncto do outro, a fim de fazer mais sensível o seu contraste. Jacyntho Freire hê abundante em demasia neste genero de inversões. Delle são as seguintes: *Crescerá com a nossa paciencia o seu atrevimento.* = *Que a tão ardua navegação os estimulou sua ambição, guiou sua fortuna.* = *Elles tinbão a vantagem do numero, a do lugar os nossos.* = *Assim o fazião duas vezes cruel o vicio e a necessidade,* = e por este modo infinitas outras.

4.º A necessidade tambem de *ajuntar em hum periodo*, ou *pensamento total*, muitos *parciaes* traz consigo as inversões. Por pouco composto que seja hum pensamento, mal se pôde elle desenvolver, como convem, e arranja-lo de modo que se perceba o todo delle, sem o meio das inversões. Sem estas por exemplo não poderia Duarte Ribeiro ajuntar com graça em hum ponto de vista suas ideas, como juntou, quando falando dos validos, que se querem levantar sobre as ruínas dos outros, diz assim: «A'quel-  
» les, a que conservão merecimentos, e fidelidade in-  
» culpavel, dão commissões perigosas, exercitos sem  
» força, e subsistencia para expugnar praças fortes,  
» em que percão a vida, ou a reputação.» (Disc. VII.)

5.º As inversões mesmas são fórmãs consagradas pelo uso para certa especie de frases, quaes entre outras são as interrogativas, e exclamativas. Ninguem pôde dizer de outro modo as seguintes: *Que disciplina pôde estabelecer em seu exercito hum General, que não sabe regular a sua vida? Como poderá ou excitar, ou acalmar em seus soldados diferentes paixões conforme he preciso, quem não he senhor das suas?* Nem tão pouco posso dizer de outro modo estas: *Ditosos pais, que tem bons filhos! Feliz o rei-*

*no, em que os homens vivem em paz! = Acertada mente governa quem sabe precaver os delictos. = Raramente se perde lugar, que pôde ser soccorrido.* Se todas estas orações se reduzirem á ordem directa, perderão não só sua força, mas ainda o sentido. He pois de absoluta necessidade o fazer inversões; e se ellas são necessarias, tambem não podem deixar de ser naturaes.

Mas ainda sem necessidade se costumão ellas fazer pela utilidade, que das mesmas resulta, ou para variar a fórma das construcções, e evitar assim a monotonia; ou para apresentar e pôr desde logo á vista huma idea importante, que nos occupa, e queremos occupar tambem o espirito dos ouvintes; ou finalmente para desempear mais a marcha da oração, e dar-lhe assim mais facilidade, graça, e harmonia.

Pela primeira rasão de variar as construcções, não ha couza mais ordinaria aos bons Escriptores do que principiar as orações pelo verbo, e pôr-lhe depois o seu sujeito. So na primeira folha da *Vida de D. João de Castro* empregou Jacyntho Freire não menos que cinco inversões desta especie, que são: *Foi D. João de Castro, entre os de tão grande appellido, illustre descendente. = Nas casas grandes forão sempre neste Reino as letras o segundo morgado. = Obedeceo D. João em quanto não tinha liberdade. = Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes. = Considerava D. João melhor suas victorias, que as figuras e circulos de Euclides.* As dos Adjectivos prepostos aos substantivos, e as dos complementos aos verbos são tão frequentes, que nem he preciso trazer exemplos.

Pela segunda rasão, inverte-se muitas vezes a ordem da frase, ou do periodo para pôr desde logo á vista huma idea interessante, sobre que queremos se fixe a attenção do ouvinte; a qual idea em meio da

oração ficaria encoberta; porêm posta ou no principio, ou no fim della, faz mais impressão. Estas ideas importantes se vem figurar logo na cabeça destes dous periodos, hum de Jacyntho Freire, e outro de Paiva. *A tão honrados Tureos e valentes Janizaros, como estais presentes, toca acodir pola honra de vossa gente, e de vosso Imperio, como causa mais justa da guerra, que fazemos. = De perverter-se a ordem das couzas, e levarem ás vezes ao fundo o proveito publico respeitos particulares, e fazer sizo de accommodar as couzas a pertençaes, nascem as injustiças, e todos os males.*

O nosso pronome directo da terceira pessa, *o, a, os, as*, juncto aos verbos, e referindo-se aos complementos objectivos dos mesmos, facilita grandemente estas inversões. Sem elle seria escuro o periodo de Vieira, quando disse: *Os generosos, e fieis soldados, e capitães toda a gloria de suas façanhas, e victorias, a devem renunciar de sua parte, e não a querer para si, e para sua fama e honra; senão inteiramente para o Rei, a quem servem:* e muito mais o de Jacyntho Freire: *Tomar para si o Reino quem era digno delle, os primeiros o recebião como escandalo, os outros como lei.*

Por falta do mesmo pronome pecca o periodo de Duarte Ribeiro, *Disc. Polit. VII*, em que falando dos Reis, diz: *Seus pensamentos, que so se devião occupar em acções gloriosas, e ter por objecto a saúde publica, empregão (devia dizer: empregão-n'os) na exaltação dos validos; abrem os thesouros para os enriquecer.* A regra he que toda a inversão, que faz o sentido da frase ou difficil de perceber, ou escuro, ou equivooco, he viciosa. Por esta rasão talvez não mereção imitar-se as inversões, que nossos antigos sohião fazer das conjuncções *Não e Nem*, pondo, á Franceza, esta primeiro, e aquella no fim, como: *Mas de*



de huns, nem de outros, não houve necessidade, e estas de Jacyntho Freire: *As quaes (forças), na maior prosperidade, vão acabando suas mesmas victorias.* Melhor seria: *As quaes na maior prosperidade suas mesmas victorias vão acabando.* E em outro lugar: *Crescia a fome, e a liberdade dos queixosos, que fazia maior a justiça da causa, e a conformidade do agravo commum.* Se dissesse: *que a justiça da causa, e a conformidade do agravo commum fazia maior,* ficava mais desempeçada a frase. Mas este não he o gosto de Jacyntho Freire.

Em fim a terceira couza, para que são uteis as inversões, he para procurar ás orações mais harmonia, dispondo as palavras de modo, que não fação emba-te humas com outras; antes corraõ com suavidade, e acabem com cadencia. Mas esta utilidade he mais do foro da eloquencia, que da Grammatica, e por isso não allego exemplos. Passemos ás construcções transpostas, ou hyperbatos.

## A R T I G O II

### *Das Transposições, ou Hyperbatos.*

Fazem-se as transposições ou hyperbatos, quando se separão ou o adjectivo do seu substantivo com quem concorda, ou a proposição incidente da palavra a quem modifica; ou o verbo de seus complementos necessarios, quaes são o objecto de sua acção, e o termo de sua relação; ou a preposição com seu consequente, do seu antecedente, cuja significação ou restringe, ou completa; ou em fim a preposição mesma, do seu consequente.

1.º As transposições do adjectivo e do seu substantivo, com quem concorda, nunca são permittidas: senão quando a interrupção he feita por algum modi-

ficativo do mesmo adjectivo, como são os adverbios, ou locuções equivalentes a elles. Posso dizer: *Esta queixa, mil vezes repetida; O homem, verdadeiramente sabio*, e com Camões *Mares, nunca d'antes navegados*. Porque as modificações fazem huma mesma couza com a idea que modificação, e realmente não ha interrupção alguma.

Mas se no verso se perdôa a Camões, *Lus. I, 9.*

*Em versos divulgado numerosos;*

não se deve louvar na prosa o dizer Jacyntho Freire: „ *A quem o nascimento fez em Portugal, grande, o valor no Oriente.* „ Melhor dissera: *A quem fez grande, em Portugal o nascimento, no Oriente o valor.* Nosso Antonio Pinheiro usa em demasia, como Jacyntho Freire, de semelhantes transposições na Traducção do Panegyrico de Plinio. Na dedicatoria a ella diz: Apodaduras de *homens*, com abatimento de sua pessoa, *graciosos*.

E nem em prosa, nem em verso se deve louvar a transposição, que fez Camões, *ibid. III, 94.*

. . . . . Que em terreno  
Não cabe o altivo peito, tão pequeno.

E muito menos a de Ferreira, *Poem. I, 13.*

*Os louros e heras, de que coroados  
Serão os bons Poetas, ja crescendo  
Soberbamente vão, por ti honrados.*

Semelhantes transposições causão sempre desordem nas ideas. Os Gregos e Latinos lhes davão com rasão o nome de *Synchysis*, isto he, de *Mixturas* ou *Confusões*, e as contavão entre os vicios da Lingua

guagem. Alguns de nossos Grammaticos costumão as  
 por figuras, e as auctorizão com estes e outros  
 exemplos de Poetas, que mais são para estranhar, que  
 para ensinar.

2.º Entre o nome substantivo e a proposição in-  
 cidente, que o modifica, pode-se e costuma-se muitas  
 vezes metter ou hum adjectivo, ou hum complemen-  
 to restrictivo, para tambem lhe modificar sua signifi-  
 cação, como: *Os soldados valerosos, ou de valor,*  
*que defendem a patria, &c.* Porém deve haver muito  
 cuidado em evitar a ambiguidade, que daqui póde  
 nascer todas as vezes, que o relativo conjunctivo se  
 póde referir igualmente bem ou ao primeiro substan-  
 tivo mais remoto, ou ao segundo e mais proximo,  
 principalmente quando este he determinado pelo arti-  
 go, como nesta frase: *A gloria da virtude, que he*  
*constante; onde não se sabe o que he constante, se*  
*a gloria, se a virtude.* Que quanto a transpôr o sub-  
 stantivo para depois da sua incidente, isto nunca he  
 permittido senão nas Linguas, que tem casos; e com  
 justa razão mofa nosso Barros (*Gram.* pag. 170) da-  
 quelle letrado, que querendo passar por eloquente, tra-  
 duzira a *Oração da Paz* em Linguagem deste modo:  
*Dá-nos, Senhor, aquella, a qual o munda não póde*  
*dar, paz.*

3.º Entre o verbo, e o termo de sua acção mui-  
 tas vezes se mettem palavras, e ainda alguma oração,  
 com tanto que seja breve, e não aparte muito as duas  
 relações. Nossos antigos fazião huma elegancia, mor-  
 mente nas orações incidentes, em metter os sujeitos  
 das mesmas, e algum adverbio entre o verbo e seu  
 termo, quando este era pronome, e dizer: *Que vos*  
*Deos fez: O filho, que lhe Deos dera: Terra, que te*  
*eu leixo: Tudo o que lhe assim dêo: Por lho assim*  
*maldizer sua mãe.* E no exemplo acima de Jacyntho  
 Freire se vê hum incidente entre o termo e o verbo:

*A tão honrados Turcos, e valentes Janizaros, como estais presentes, toca, &c.* O que igualmente se vê no lugar de Duarte Ribeiro acima citado: *Aquelles, a que conservão, &c.*

Porém entre o verbo e o objecto de sua acção não se costuma metter senão algum adverbio, ou expressão adverbial modificativa do mesmo verbo, principalmente quando o dicto complemento objectivo não leva preposição. Eu posso dizer: *Amo anciosamente as honras: Amo, mais que tudo, a Deos*; mas não: *Amo mais, do que deveria, as honras; Amo mais, que tudo o que ha no mundo, a Deos.* A relação do verbo com o objecto de sua acção he mais estreita que todas as outras, para se não poder separar para muí longe ainda por modificativos da mesma acção; que, não sendo taes, ainda peor. Eu não diria com Jacyntho Freire (pag. 103.) *Fazendo juntamente do commercio á Religião escada*; mas sim: *Do commercio fazendo escada á Religião, ou para a Religião.*

4.º Mas ainda he maior a relação entre a preposição com seu consequente e o antecedente, a quem determina, ou por quem he determinada, para nunca se poder interromper, mettendo alguma couza estranha entre hum e outro. Quando digo: *O Rei, que he, de Portugal; O Cabo, chamado das Tormentas*; os antecedentes *Rei* e *Cabo* não se separão, porque se tornão a entender a seus complementos, como se dissessemos: *O Rei, que he Rei de Portugal; O Cabo, chamado Cabo das Tormentas*; mas nunca posso dizer o que aquelle, de quem fala João de Barros (*ibid.*) dizia no fim da Carta: *Desta de Lixboa cadêa, onde ha mezes sete, que sou abitante.*

A licença de separar huma couza de outra se a pôde haver, so será tolerada nos Poetas, mas nunca louvada; como não louvo, nem em *Mausinho*, dizei em seu *Affonso Africano*, IX, 73.

Entre todos c'o dedo eras notado  
Lindos moços de Arzilla, em galhardia.

Isto he, *Entre todos os lindos moços de Arzilla, com o dedo eras notado em galhardia, &c.*: nem tão pouco em Franco Barreto, *Eneid.* I, 132.

Por ver em que montanhas, se dos mares  
Livrou, anda vagando, e em que lugares.

Isto he, *Por ver em que montanhas, e em que lugares anda vagando, dos mares se livrou.*

5.º Finalmente he sobre todas ainda mais estreita a relação entre a preposição e o seu consequente para nunca se poderem separar. Se entre as preposições e os infinitos dos verbos, que lhes servem muitas vezes de consequentes, se mette alguma couza, he porque he pertencente aos mesmos verbos, e não estranha, como quando dizemos: *Para*, com mais clareza, *me explicar, &c.* As regras pois das transposições são: 1.ª Nunca metter entre duas ideas relativas huma terceira, que tenha outra relação differente. 2.ª Que as mesmas modificações, que como parte de huma das duas ideas relativas se lhes mettem no meio, não sejam tão extensas, que apartem demasiadamente huma da outra.

Os nossos melhores Grammaticos enganados com a afinidade, que ha entre a inversão e a transposição ou hyperbato, não perceberão bem os caracteres, que as distinguem, como conheceu Cicero, chamando á primeira *Inversa*, e á segunda *Intercisa*. Entre as ideas parciaes de hum pensamento, e entre as palavras que as exprimem, he necessario distinguir estas duas couzas *Ligação* e *Relação*. De qualquer modo, que se ordenem duas palavras correlativas, se huma fi-

fica juncto de outra, a imagem de sua ligação fica salva. *De Portugal o Reino*, ou *O Reino de Portugal* he o mesmo, quanto á ligação das ideas.

Mas se entre dous correlativos se mette qualquer palavra estranha, como: *O Reino*, dizem, *de Portugal he muito rico*: he hum hyperbato ou transposição contra toda a rasão, e por isso mesmo contra a natureza da Linguagem; porque destroe ao mesmo tempo toda a ordem e ligação das ideas. Estes hyperbatos, bem longe de serem figuras da elocução, são solecismos da construcção. Pois nesta tambem os ha, quando se perturba a ordem das relações, segundo Quintiliano, *Inst. Orat.* I, 5.

Taes são as regras e observações mais importantes sobre a etymologia e syntaxe da Lingua Portuguesa, com cuja applicação ao principio dos *Lusiadas* de Camões, daremos por concluida esta nossa Grammatica.

## CAPITULO VI.

*Applicação dos principios desta Grammatica ás duas primeiras Estanças do Canto I. dos Lusiadas de Camões.*

**P**ARA proceder com methodo consideraremos estas duas Estanças primeiramente no seu todo, dividindo-o em seus principaes membros, e subdividindo estes nas orações de que consta cada hum: e depois analysaremos cada huma destas orações em particular. Estas duas Estanças formão a proposição geral de todo o poema, e he da maneira seguinte.

## I

As armas, e os varões assinalados,  
 Que da occidental praia Lusitana  
 Por mares nunca d'antes navegados  
 Passarão inda além da Taprobana;

- (1) Em perigos e guerras estorçados  
 Mais do que promettia a torça humana;  
 (2) E entre gente remota edificarão  
 Novo Reino, que tanto sublimarão;

## II.

E tambem as memorias gloriosas  
 Daquelles Reis, que forão dilatando  
 A Fe, o Imperio, e as terras viciosas,  
 D'Africa, e d'Asia, andarão devastando;  
 E aquelles, que por obras valerosas  
 Se vão da lei da morte libertando;  
 Cantando espalharei por toda parte:  
 Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

## §. I.

*Analyse Geral.*

Estas duas Estanças não formão senão hum periodo de dous membros, ou proposições totaes. O pri-

LII

mei-

(1) As edições mais antigas lem *Que em perigos*. Porém, o que repetido, sobre ser excusado, corta o sentido, e de huma acção principal vem a fazer duas. Conservo pois a Lição *Em perigos*, que he de muitas edições, ou, a fazer alguma invecança, diga: *E em perigos*.

(2) Nas mesmas edições mais antigas não se vê a conjunção *e*, por ser inutil, supposta a Lição *Que em perigos*.

meiro membro, ou proposição corre desde o principio até o fim do penultimo verso da segunda Estança *Cantando espalharei por toda parte*. O segundo contém-se no ultimo verso da mesma Estança, que he *Se a tanto me ajudar o engenho e arte*.

Estas duas proposições totaes, que compõem o periodo, estão na ordem direita; a affirmativa primeiro, enunciada pelo futuro imperfeito do indicativo *Espalharei*, a qual he a principal: e a condicional em segundo lugar, enunciada pelo futuro imperfeito do subjunctivo *Ajudar*; a qual he a subordinada; tudo segundo a regra, que diz: que as proposições principaes dos periodos são sempre indicativas, e que as subjunctivas são sempre subordinadas.

A primeira proposição, e a principal está toda na ordem invertida, e por isso vai suspensa até o fim, principianão e continuando pelos complementos objectivos da acção do verbo *Espalharei*. A ordem direita seria: *Cantando espalharei por toda parte, As armas, e os varões assinalados, &c.* A segunda e subordinada também está invertida na construcção, sendo o verbo *Ajudar* precedido dos complementos de sua acção, a saber, o terminativo *a tanto*, e o objectivo *me*; e seguido dos sujeitos ou agentes da mesma acção, que são: *O engenho e arte*. A ordem direita seria: *Se o engenho e arte me ajudar a tanto*. Esta pequena inversão ainda na prosa seria permittida; porém a primeira não. Contudo ella faz no verso, e aqui especialmente, hum effeito maravilhoso pela suspensão em que tem os leitores, esperando pelo desfecho de acontecimentos tão raros.

Tornando a primeira proposição, e principal; ella he *Composta*, e ao mesmo tempo *Complexa*. *Composta*, não quanto ao sujeito, que he hum so, *Eu espalharei*; nem também quanto ao attributo, que he a unica acção de *espalhar*: mas sim quanto aos varios



de diferentes objectos desta mesma acção, que são tres, a saber, 1.º *As armas, e os varões assinalados, &c.* 2.º *As memorias gloriosas daquelles Reis, &c.* e 3.º *Aquelle, &c.* Como os complementos do attributo fazem parte d'elle, o mesmo pôde ser complexò não so per si, mas tambem pelos diferentes objectos, e termos de sua acção.

A mesma proposição he outrossi complexa por conter em si quatro proposições incidentes; tres expressas, marcadas pelos tres relativos conjunctivos, *Que da occidental praia Lusitana, &c. Que forão dilatando, &c. Que por obras valerosas, &c.*; e huma implicita, que he: *Em perigos e guerras esforçados*: as quaes incidentes, ellas mesmas são conjunctas de varios attributos, e complexas de outras incidentes, e muitos adjectivos, appostos aos sujeitos e attributos das mesmas. O que melhor se verá na analyse miuda de suas palavras.

A segunda proposição e subordinada he tão somente composta de dous sujeitos do verbo *Ajudar*, que são: *O engenho, e arte.* Em tudo o mais he simples e incomplexa.

Todo este grande periodo comprehende em si dez orações, indicadas pelos dez verbos, que nelle se vêm, e são pela sua mesma ordem os seguintes: *Passarão, Promettia, Edificarão, Sublimarão, Forão dilatando, Andarão devastando, Vão libertando, Cantando, Espalharei, Ajudar.* As suas mesmas formas dão a conhecer, que, á excepção do particípio *Cantando*, e do futuro subjunctivo *Ajudar*, as suas orações são todas indicativas. Porém destas huma so he absoluta, que he a do verbo *Espalharei*. As mais todas são determinadas por outras, e a ellas ligadas por conjuncções, que lhes tirão a natureza de independentes. Passemos ja á analyse particular de cada huma destas orações.

## §. II.

*Analyse Particular.*

Para melhor se perceber a analyse de cada huma destas orações, toma-las-hemos em sua ordem direita, principiando pelas ultimas, e destas subindo ao principio da primeira Estança para daqui discorrer outra vez até o fim.

Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte,  
As armas, e os varões assinalados, &c.

Estes versos contêm tres orações; segundo os tres verbos, que nos mesmos se vêm; duas totaes, constitutivas do periodo, que são, a principal *Espalharei por toda parte*; e uma subordinada *Se a tanto me ajudar o engenho e arte*; e huma parcial, exprimida pelo particípio Imperfeito activo do verbo *Cantar*.

*Cantar* he hum verbo activo da 1.<sup>a</sup> conjugação portugueza. *Cantando* forma huma oração parcial incidente, subordinada ao verbo principal *Espalharei*, porque tem o mesmo sujeito, e vale tanto como *Eu, cantando, espalharei por toda parte*. Estas orações parciaes, formadas pelos particípios, activo e passivo do infinito, exprimem a acção particular, que serve ou de modo, ou de meio, ou de motivo, ou de circumstancia á acção principal, exprimida pelo verbo da oração total; e como taes fazem parte della, tendo o mesmo sujeito.

*Espalharei* he o futuro imperfeito indicativo do verbo *Espalhar*, pertencente tambem á 1.<sup>a</sup> conjugação.

Elle não têm conjunção alguma suspensiva, que lhe prenda o sentido. Está absoluto, e por isso faz a proposição principal do periodo.

*Por toda parte* he hum complemento circumstantial do lugar *Por onde*, que explica a significação do verbo *Espalharei*, não como verbo adjectivo, mas substantivo. A preposição *Por* mostra a relação do espaço, ou do meio e instrumento, pelo qual se passa a hum fim ulterior.

*Toda parte* he o consequente da proposição. *Parte* he hum substantivo appellativo do genero feminino, cuja significação indeterminada se acha determinada pelo collectivo universal affirmativo *Toda*, que com elle concorda em genero e numero. Está antes do substantivo, porque todos os adjectivos determinativos precedem ordinariamente aos appellativos para indicar, que elles se tomão em sentido individual, e não no de especie, que elles significão. Esta he a razão, porque *Parte* excusa aqui artigo, que muitos erradamente lhe põem, qual não excusaria, se não tivesse o determinativo *Toda*, com o qual se não ajunta o artigo, quando significa o mesmo que *Cada*, como aqui succede.

Da oração principal passemos ja á sua subordinada, *Se a tanto me ajudar o engenho, e arte*. Ella he condicional contingente, e subordinada á principal pela conjunção condicional *se*, que leva o verbo *Ajudar* ao futuro imperfeito do subjunctivo pela regra, que os futuros indicativos demandão o mesmo tempo do subjunctivo nas orações condicionaes, que determinão. O sujeito do verbo *Ajudar* são os dous substantivos *Engenho* e *Arte*, com os quaes concorda: com o primeiro, que he o mais proximo, em numero e pessoa, e com o segundo em pessoa somente. Mas a natureza suppre o numero, aliás deveria dizer. *Me ajude*

O Poeta poz artigo so ao primeiro. Parece comtudo deveria dizer: *O engenbo e a arte*; assim co ho disse: *As armas e os varões assinalados*: porque a regra geral he repetir os determinativos, quando modificação substantivos de differente genero. Seja como for, he certo, que o artigo *O* he aqui necessario não só para mostrar, que o appellativo *Engenbo* se toma aqui individualmente pelo engenbo de Cambes; mas tambem para indicar, que este substantivo *engenbo* que posposto ao seu verbo *Ajudar*, he comtudo o sujeito da oração.

O complemento objectivo deste mesmo verbo he o pessoal enclitico *me*, terminação ou caso destinado para complemento objectivo, e tambem terminativo. Está anteposto ao verbo; porque, aindaque estes casos encliticos muitas vezes se podem pôr indifferentemente ou antes, ou depois do verbo; não succede assim nas orações condicionaes quer contingentes, quer hypotheticas, em que o uso de nossa lingua não permite pôlos depois, mas sempre d'antes.

*A tanto* he complemento terminativo do mesmo verbo *Ajudar*; que além de ser activo, tem tambem significação relativa: de sorte, que esta oração vem a ter todos os complementos necessarios, quaes são: hum sujeito *O engenbo e arte*; hum objecto *me*; sobre que cahe a mesma acção; e hum termo, a que a mesma se dirige, *A tanto*. Assim como a proposição *A* com seu consequente *Tanto* he o complemento terminativo do verbo *Ajudar*; assim tambem o comparativo positivo *Tanto* he complemento da preposição *A*. *Tanto* concorda com o sentido da oração antecedente, que não tem genero algum grammatical, nem masculino, nem feminino. Está por tanto no genero neutro, isto he, em nenhum genero; e não no masculino, como pretendem nossos Grammaticos.

Da oração subordinada tornando outra vez a principi-